

FH: 'Lula não tem projeto de governo'

Presidente diz a jornal espanhol que esta é a maior diferença entre ele e seu adversário do PT

Adriana Vasconcelos

Enviada especial • MADRI

Com discurso de candidato, o presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem, em entrevista publicada no jornal espanhol "El Mundo", que seu principal adversário na disputa presidencial deste ano, o petista Luiz Inácio Lula da Silva, não tem projeto de governo. Para o presidente, esta é a diferença fundamental entre sua candidatura e a de Lula.

"El Mundo" dedicou uma página inteira a Fernando Henrique, que, na entrevista, também condenou a ação política de dirigentes do MST e da Igreja que têm incentivado saques no Nordeste. Ele poupou as pessoas que comprovadamente estão sofrendo os efeitos da seca e, por desespero, acabam roubando para matar a fome.

"A diferença básica do meu projeto para o do Lula é que eu tenho projeto e ele não. Nosso projeto é fazer crescer a economia numa situação de globalização. O mundo atual requer uma economia aberta. Frente a isso, como há uma grande desigualdade, o Brasil necessita reorganizar o Estado. Estamos favoráveis à presença mais ativa do Estado, um Estado que possa alcançar os mais pobres oferecendo educação, saúde. Não é retórica: eles — da esquerda — não têm projeto", afirmou o presidente, segundo o jornal.

Presidente nega que Governo soubesse da seca desde outubro

O presidente também usou artilharia pesada contra o MST. Ele rebateu a informação apresentada pelos sem-terra de que o Governo já havia sido advertido, em outubro do ano passado, sobre os graves danos que a seca poderia acarretar ao Nordeste. Segundo o presidente, as previsões não eram seguras e diziam que a seca atingiria áreas limitadas. Só em março último, disse Fernando Henrique, é que o sinal de alerta teria sido transmitido ao Governo. Para o presidente, o curioso mesmo é que muitos dos saques registrados agora no país estejam ocorrendo em zonas urbanas sob forte influência política.

"A seca é real e há gente desesperada porque crê que não terá comida. Mas insisto que é preciso evitar a exploração política da seca. Por isso defendemos medidas contra aqueles que fazem propaganda do saque. Quem passa fome e rouba é outra coisa. Mas o que fizeram alguns dirigentes do MST é uma exploração pública do estado de necessidade", ressaltou ele para "El Mundo".

Nem a Igreja foi poupada. Ele disse que as críticas do MST ao Governo se somam às da Igreja neste momento. Ao celebrar uma missa de despedida para cinco mil fiéis, o ex-arcebispo de São Paulo, dom Evaristo Arns, surpreendeu



FERNANDO HENRIQUE: "Nosso projeto é fazer crescer a economia numa situação de globalização. O mundo atual requer economia aberta"

o Governo ao declarar que os saques são justificáveis diante da fome, ampliando indiretamente o leque de apoio ao movimento desencadeado no Nordeste. "Os sem-terra e a Igreja estão juntos", observou Fernando Henrique.

Na entrevista ao jornal espanhol, Fernando Henrique fez questão de destacar o avanço das reformas constitucionais. Ele disse que, apesar da perda de seus dois principais articuladores políticos no mês passado, a votação da reforma da Previdência foi concluída em primeiro turno.

Destacou ainda o estreitamento das relações comerciais entre Brasil e Espanha, manifestando seu desejo de que isso se reflita cada vez mais na aproximação da União Européia com o Mercosul.

Em mais uma sinalização para os investidores estrangeiros, reforçou a intenção do Governo de dar continuidade às privatizações.

Perguntado se teria renunciado aos seus princípios de sociólogo para exercer o poder, Fernando Henrique respondeu que não. Explicou que muitos dos princípios que defendeu em teses há quase 40 anos já não valem agora, pois o mundo mudou. O presidente acrescenta, no entanto, que continua crendo na justiça social, na igualdade e que o mercado, por si mesmo, não soluciona as questões sociais de um país. "Quem não assumiu essas mudanças não pode ser considerado intelectualmente competente", argumentou.

Ainda de acordo com o presidente, os

problemas sociais brasileiros vêm de séculos e geram desigualdades muito grandes, que dificilmente serão reparadas em um ou dois mandatos presidenciais.

"Na nossa sociedade existem desigualdades muito grandes e não se pode acabar com elas em quatro ou oito anos. Nossa política se dirige aos mais pobres. O Plano Real se propôs a conter a inflação, reduzir o gasto público e recuperar a capacidade de crescimento do país", afirmou.

O presidente chega hoje a Lisboa para uma visita de três dias a Portugal. Ele participará da inauguração, amanhã, da Exposição Mundial de Lisboa, a Expo-98. Os oceanos são o tema principal desta feira, tendo em vista os 500 anos

do Descobrimento. O pavilhão do Brasil na feira tem a fachada coberta de fotografias de brasileiros. A idéia é mostrar a diversidade étnica da população do Brasil. Dentro do pavilhão brasileiro serão mostradas imagens de satélite do território nacional e um vídeo sobre o Oceano Atlântico e no Rio Amazonas.

O principal compromisso do presidente hoje em Lisboa é um almoço com o primeiro-ministro de Portugal, António Guterres. À noite ele participará de jantar oferecido pelo presidente português, Jorge Sampaio, no Palácio de Belém. Na sexta-feira, antes de embarcar de volta para o Brasil depois de sete dias fora do país, Fernando Henrique visitará a cidade de Santarém para conhecer a casa e o túmulo de Pedro Álvares Cabral. O presidente deve chegar a Brasília no sábado de manhã.

No programa de rádio, elogio a mobilização e condenação de saque

A seca no Nordeste e as ações desenvolvidas pelo Governo para socorrer os flagelados voltou a ser o tema principal do programa semanal de rádio do presidente, transmitido ontem de manhã. Ao exaltar a mobilização da sociedade na arrecadação de alimentos que estão sendo encaminhados aos municípios mais atingidos pela estiagem, o presidente disse entender as razões das pessoas que, famintas, praticam saques, mas condenou as invasões insufladas e coordenadas por entidades.

Esse tipo de ação, considerou o presidente, vai na contramão dos esforços que estão sendo feitos para ajudar os flagelados, uma vez que provoca a desorganização.

— Solidariedade prática, hoje, é organização. Claro, alguns ficam mais nervosos. O que está com fome, a gente entende. Ele avança mesmo na comida que aparecer e terá suas razões para isso. Agora, alguns ficam mais nervosos e querem atropelar os próprios flagelados, forçar a barra, como se diz. Isso a gente não deve deixar porque desorganiza — enfatizou.

O presidente pregou a união para enfrentar o problema, propondo o que chamou de "um arrastão de solidariedade". Para Fernando Henrique, neste momento questões partidárias devem ser deixadas de lado para que os necessitados possam receber a ajuda de que precisam. Passado o momento inicial de atrito com a Igreja, por defender os saques, o presidente enfatizou que é este o comportamento de padres, pastores, alguns sindicatos e segmentos de governos locais. Mas, além da ajuda emergencial, Fernando Henrique destacou a importância de projetos definitivos, como dar trabalho aos nordestinos. ■

• DNER OFERECERÁ 46 MIL EMPREGOS A FLAGELADOS na página 9